ISSN: 2358-8829

MUSEOLOGIA E CURADORIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O BRINQUEDO POPULAR, METODOLOGIAS E EXPERIÊNCIAS

Vyrna Nogueira Bezerra[1]

Sara de Paula Lima[2]

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de produção, seleção e circulação de referências culturais. Os objetos dos ambientes, as imagens expostas, as músicas utilizadas, as histórias narradas e as brincadeiras propostas não são escolhas neutras: participam da construção das experiências infantis e das formas pelas quais as crianças reconhecem pessoas, territórios, histórias e modos de vida. Essa dimensão aproxima a Educação Infantil da Museologia, no que diz respeito à constituição de acervos, à preservação da memória, à construção de narrativas e à mediação cultural. A aproximação não pretende transformar a escola em museu, mas reconhecer que ambos os campos lidam, de maneiras distintas, com processos de seleção, interpretação e circulação de referências culturais.

Freire (1996), ao defender que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, permite compreender que as crianças não chegam à escola desprovidas de conhecimentos: trazem experiências familiares, referências territoriais, práticas culturais, narrativas, gestos e músicas. Reconhecer esses saberes implica investigar quais repertórios a escola apresenta e quais permanecem ausentes, pois a presença predominante de materiais industrializados, imagens padronizadas e personagens de ampla circulação comercial pode limitar o contato das crianças com manifestações culturais de suas comunidades.

[1] Graduada no curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Ceará, vyrnanogueira@gmail.com.

[2] Doutorado em Linguística, Universidade Federal do Ceará, profsaralima@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Nesse contexto desenvolve-se a pesquisa autoral da Cata Alento, realizada entre 2023 e 2026 em uma escola privada de Educação Infantil em Fortaleza (CE), que reúne investigações sobre territórios, aproximações com mestres e mestras da cultura popular, visitas a lugares de memória e processos de formação com a comunidade escolar. Dela emerge o conceito de **Brinquedo Popular**, compreendido como a expressão concreta e abstrata dos repertórios autobiográficos que constituem os vínculos de pessoas e comunidades com seus territórios, saberes e memórias. A formulação dialoga com Sarmento (2008) e Brandão (1981), mas constitui contribuição conceitual própria da pesquisa.

Este trabalho parte da questão: como a Museologia e a curadoria pedagógica podem contribuir para a seleção, a contextualização e a circulação dos repertórios culturais na Educação Infantil? Seu objetivo é discutir a possibilidade de compreender a escola como acervo vivo, constituído por objetos, narrativas, cantigas, práticas e conhecimentos vivenciados, interpretados e recriados pelas crianças. Trata-se de relato de experiência de abordagem qualitativa. Os resultados apontam a ampliação da noção de acervo, a pesquisa como parte do planejamento, o reconhecimento da criança como produtora de cultura e a responsabilidade cultural das escolhas pedagógicas.

METODOLOGIA

O trabalho é um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado nas práticas pedagógicas e nos processos de pesquisa cultural desenvolvidos em uma escola privada de Educação Infantil em Fortaleza (CE), entre 2023 e 2026. O percurso envolve visitas a territórios e lugares de memória, aproximações com pescadores, rendeiras, marisqueiras, comunidades quilombolas e indígenas, encontros com mestres e mestras da cultura popular e incorporação de objetos, músicas, narrativas e práticas culturais ao ambiente educativo. As experiências consideradas incluem objetos relacionados a manifestações populares, músicas tradicionais, oficinas com famílias, pesquisas realizadas pelas professoras e a criação de espaços de memória e referência cultural no cotidiano escolar.

A análise organiza-se em três dimensões: a identificação dos repertórios culturais presentes nas experiências escolares; a investigação de seus contextos de origem, circulação e transmissão; e a compreensão de como participam das relações

ISSN: 2358-8829

pedagógicas e das experiências das crianças. A Museologia e a curadoria são utilizadas como campo de reflexão sobre as decisões pedagógicas, sem pressupor que uma sala de Educação Infantil corresponda, em sentido estrito, a uma instituição museológica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na pesquisa Cata Alento, o Brinquedo Popular não designa apenas objetos artesanais, brinquedos antigos ou brincadeiras da tradição oral: abrange a expressão concreta e abstrata dos repertórios autobiográficos que constituem a vida de pessoas e comunidades. A formulação parte da compreensão de que brincar é estabelecer vínculos. A partir do radical BRIN, a pesquisa organiza uma nomenclatura própria: brincar como ação de vinculação; brincadeira como manifestação do vínculo; brincante como aquele que vivencia e compartilha vínculos; brinco como ato de vincular-se; e brinquedo como expressão concreta ou abstrata desse vínculo. Assim, um brinquedo pode ser um objeto, mas também uma cantiga, uma narrativa oral, um modo de preparar um alimento, uma técnica artesanal, uma dança ou um conhecimento transmitido por uma pessoa mais velha. Os repertórios autobiográficos compreendem as experiências, os conhecimentos, as práticas e as memórias que constituem trajetórias individuais e se relacionam às histórias coletivas, como vínculos com lugares, alimentos, músicas, imagens, trabalhos e narrativas. Em perspectiva próxima à de Freire (1996), não são conhecimentos menores em relação aos conteúdos escolares, mas parte da experiência humana mobilizável na construção de novos saberes. O interesse da pesquisa está em ampliar a presença de repertórios locais, regionais e nacionais, sem negar o contato com outras culturas, mas evitando que a diversidade seja substituída por um repertório único e amplamente comercializado.

Sarmento (2008), ao estudar as culturas da infância, contribui para compreender as crianças como atores sociais que interpretam, transformam e produzem expressões culturais no presente. Assim, a circulação de repertórios na escola não é simples transmissão: as crianças atribuem sentidos próprios às referências que encontram. Isso indica que a curadoria pedagógica não deve ser prática exclusivamente adulta, embora a seleção e a contextualização exijam responsabilidade e investigação das professoras.

Cabral e Rangel (2008), ao discutirem a curadoria de processos educativos, permitem pensar a mediação cultural para além de ações pontuais, como processo que

ISSN: 2358-8829

envolve intencionalidade, planejamento e construção de relações com os públicos. Nesta pesquisa, a curadoria pedagógica é entendida como o processo de investigar, selecionar, contextualizar e organizar repertórios culturais para compor as experiências educativas, o que exige perguntas sobre origem, autoria, circulação e significado. Tal postura crítica dialoga com Freire (1996), para quem a prática educativa não se limita à transferência de conteúdos.

A seleção de repertórios envolve também representação. Gomes (2003), ao discutir educação, identidade negra e formação de professores, mostra que as práticas educativas participam da construção das representações sociais; hooks (2013), ao compreender a educação como prática de liberdade, destaca experiências participativas e questiona hierarquias de conhecimento; e Brandão (1981) permite reconhecer os processos educativos presentes na vida comunitária. A dimensão territorial dialoga com Krenak (2019), que questiona a separação entre humanidade e natureza e permite compreender o território como conjunto de relações, memórias, conhecimentos e práticas que constituem a vida de uma comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola como acervo vivo. Se os repertórios não se restringem a objetos físicos, o acervo escolar também não se reduz a coisas guardadas ou expostas. A noção de acervo vivo refere-se à articulação entre objetos, registros, narrativas, práticas e conhecimentos que permanecem em circulação nas experiências educativas, podendo ser conhecidos, experimentados e transformados sem que se percam suas histórias e contextos. Na Cata Alento, integram as experiências panelas de alumínio, fogão de barro, casas de palha, chapéus de vaqueiro, cacetes do maneiro-pau, coroas de reisado de congo da Varjota e um boi de bumba meu boi confeccionado pelo Mestre Zé Pio. Esses elementos abrem caminhos para investigar técnicas, usos, modos de fazer e relações comunitárias: quem os confecciona, em quais ocasiões são utilizados e como se transmitem os conhecimentos necessários à sua produção. Em diálogo com Cabral e Rangel (2008), o objeto é ponto de partida para investigação e mediação, e não elemento isolado.

Há ainda saberes que não cabem na vitrine, como cantigas, cantos de trabalho, torés, narrativas orais, gestos e modos de fazer. Durante uma aula de capoeira angola

com o Mestre Gil, uma criança de dois anos criou a cantiga “Jambo, jambo, jambo ê. Eu quero jambo. Pra quê? Pra comer!”, em um contexto de experiências com árvores frutíferas, ervas e frutos, incluindo aproximações com saberes do povo Tremembé da Barra do Mundaú; depois, a cantiga passou a acompanhar momentos de colheita e compartilhamento do jambo. À luz de Sarmento (2008), a criança não reproduz uma referência apresentada por adulto: transforma uma vivência em expressão musical e a compartilha com o grupo. Em diálogo com Freire (1996), a criação parte de uma relação concreta com o mundo. Nesse caso, a curadoria pedagógica consiste em reconhecer, valorizar e documentar uma criação infantil, preservando seu contexto e sua autoria.

Curadoria e formação docente. A curadoria exige formação e investigação contínuas: as professoras precisam ampliar suas fontes de pesquisa, reconhecer os conhecimentos que já possuem e identificar lacunas em seus repertórios. As aproximações com territórios, mestres e mestras e comunidades, as oficinas com as famílias, as pesquisas das professoras e os encontros de compartilhamento das práticas escolares contribuem para que as escolhas sejam fundamentadas em investigação. Com Gomes (2003) e hooks (2013), a formação envolve refletir sobre as referências culturais mobilizadas, as representações reproduzidas e os conhecimentos reconhecidos como legítimos, em abertura ao diálogo e à revisão de posições.

Responsabilidade cultural e território. Ao levar objetos, músicas, imagens e narrativas de seus contextos para a escola, há o risco de apresentá-los como elementos decorativos, curiosidades exóticas ou representações de uma suposta cultura brasileira homogênea. A presença de bonecas negras, cantigas tradicionais e narrativas de diferentes comunidades deve, portanto, integrar uma reflexão sobre representação, identidade e diversidade, e não apenas a composição estética dos ambientes; a ausência de repertórios negros, indígenas, quilombolas, populares e regionais também produz sentidos. O trabalho com comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais exige respeitar a diversidade de povos e práticas, evitando generalizações e referências fora de contexto. Com Krenak (2019), compreende-se que a criança que conhece uma árvore, acompanha o crescimento de um fruto ou participa de uma colheita estabelece vínculos que ultrapassam a aquisição de informações e podem constituir seus repertórios autobiográficos.

ISSN: 2358-8829

Discussão. Os resultados apontam a compreensão da escola como acervo vivo, desde que a expressão seja entendida como formulação pedagógica e não como equivalência institucional entre escola e museu. A Museologia oferece perguntas e procedimentos úteis para pensar a seleção, a documentação e a contextualização cultural, enquanto a Educação Infantil preserva suas especificidades, especialmente a centralidade das relações, das brincadeiras e das experiências das crianças. A proposta tem limites: não basta incorporar objetos populares para assegurar uma prática culturalmente comprometida, sendo necessário considerar as condições de pesquisa, a participação das comunidades, a diversidade interna dos repertórios e os riscos de simplificação ou descontextualização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa Cata Alento apresenta o Brinquedo Popular como categoria conceitual que amplia a compreensão do brincar e contribui para pensar a seleção dos repertórios culturais na Educação Infantil. Ao defini-lo como a expressão concreta e abstrata dos repertórios autobiográficos, reconhece que objetos, cantigas, narrativas, práticas alimentares, gestos, celebrações e conhecimentos podem expressar vínculos entre pessoas, territórios e memórias. O diálogo com Freire, Sarmento, Brandão, Gomes, hooks, Cabral e Rangel e Krenak não substitui a elaboração autoral, mas a situa em um campo de debates que aproxima educação, cultura, memória e Museologia.

As experiências discutidas apontam a importância da formação docente, da pesquisa territorial e do reconhecimento dos sujeitos que produzem e transmitem os saberes, e reafirmam a participação das crianças na produção cultural: a memória escolar não se constitui apenas pelo que os adultos escolhem preservar, mas também pelas criações que emergem da vida coletiva. A curadoria pedagógica é, assim, uma prática de responsabilidade cultural, que exige perguntar quais repertórios chegam à escola, quais permanecem ausentes, que histórias são contadas e quais vínculos são possibilitados. Na Cata Alento, o Brinquedo Popular é aquilo que, ao ser vivido, compartilhado e reinventado, conecta as crianças às pessoas, aos territórios e às memórias que constituem o mundo.

Palavras-chave: Museologia; Curadoria pedagógica; Brinquedo Popular; Educação Infantil; Repertórios autobiográficos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida Marina de Souza. A curadoria de processos educativos: de ações esparsas à curadoria. In: *Cadernos de diretrizes museológicas 2*: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008. p. 160-171.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (org.). *Estudos da infância*: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.